



XIV JOGOS OLÍMPICOS 1948 LONDRES

A EUROPA AINDA NÃO APAGOU AS RUÍNAS DA II GUERRA MUNDIAL, QUANDO COMEÇA A XIV OLIMPIADA. UMA OLIMPIADA QUE SERVIU PARA MOSTRAR ISTO: A GUERRA, QUE TUDO DESTRÓI, NÃO DESTRÓI A PUREZA DE UMA LUTA ESPORTIVA.

Doze anos se passaram desde que milhares de pombos brancos rovoaram sobre o Olympiastadion, em Berlim, na festa de encerramento dos XI Jogos Olímpicos, até o dia em que milhares de pombos brancos voltaram a rovar sobre o Wembley Empire Stadium, em Londres, na festa de abertura dos XIV Jogos Olímpicos da era moderna. Nesses doze anos, uma guerra transformara o mundo. Berlim, como de resto toda a Alemanha, era um monte de ruínas, mal lembrando a cidade que Hitler usara como palco do maior espetáculo esportivo que se viria até então. E Londres, se não era um monte de ruínas, guardava ainda os vestígios dos bombardeios que sofrera, dia e noite, poucos anos antes.

Fanny: uma vitória da persistência

Pombos brancos simbolizam paz. Uma paz que, depois de Berlim, durou pouco. Uma paz que os ingleses, agora, faziam questão de ver preservada. Quando os pombos rovoaram na festa de encerramento dos XI Jogos Olímpicos, fazia sol na tarde quente de Berlim. No momento em que os pombos rovoavam na abertura dos XIV Jogos Olímpicos, chovia muito na fria tarde londrina. Uma guerra, capaz de transformar um mundo, transforma também o esporte. Por isso, aqueles que vinham acompanhando, há muito tempo, a trajetória da tocha olímpica pelas cidades por onde ela passou, desta vez fizeram uma exceção: não compararam Berlim e Londres. Sabiam que a festa organizada pelos alemães, grandiosa em todos os sentidos, não seria superada pelos ingleses. Mas passaram por cima de tudo isso. Era como se Wembley não fosse um estádio cinzento, feio, excessivamente austero. Ou como se os pombos de Londres fossem mais brancos do que os de Berlim. Ou como se não chovesse, nem fizesse frio. Ou

como se a paisagem que cercava os XIV Jogos Olímpicos não fosse enfeada, aqui e ali, por árvores tombadas, pontes destruídas e prédios destróicos.

Na verdade, era mais justo elogiar Londres, pelo seu admirável esforço de organizar uma Olimpíada, três anos depois de uma guerra mundial, do que Berlim, numa época em que os alemães podiam se dar ao luxo de gastar milhões de marcos num empreendimento esportivo.

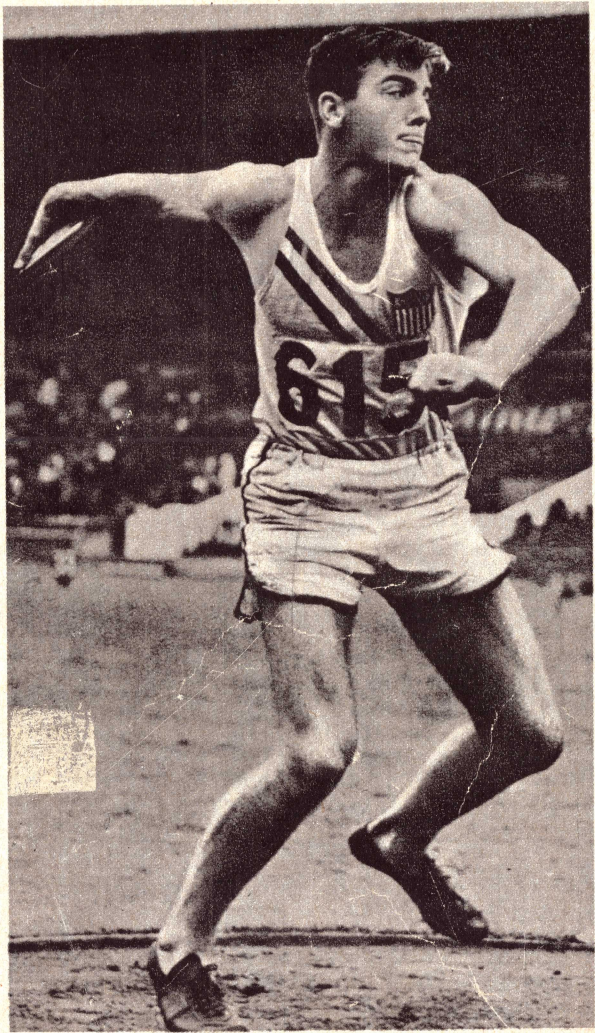


FOTO CENTRAL PRESS PHOTO



FOTO MARK K. AUFMAN

Os XII Jogos Olímpicos — os primeiros depois de Berlim — deveriam ter-se efetuado em Tóquio, mas a guerra entre o Japão e a China, em 1937, levou o Comitê Olímpico Internacional a transferir os jogos para Helsinque, em 1940. Os XIII Jogos Olímpicos já estavam programados para Londres, em 1944. Com a II Guerra Mundial, nem um nem outro se realizou. O Comitê adotou o mesmo critério de 1916, numerando aqueles que a guerra interrompeu e considerando os de 1948 como os XIV. E manteve Londres como cidade-sede, pela única razão de que os ingleses não abriam mão disso.

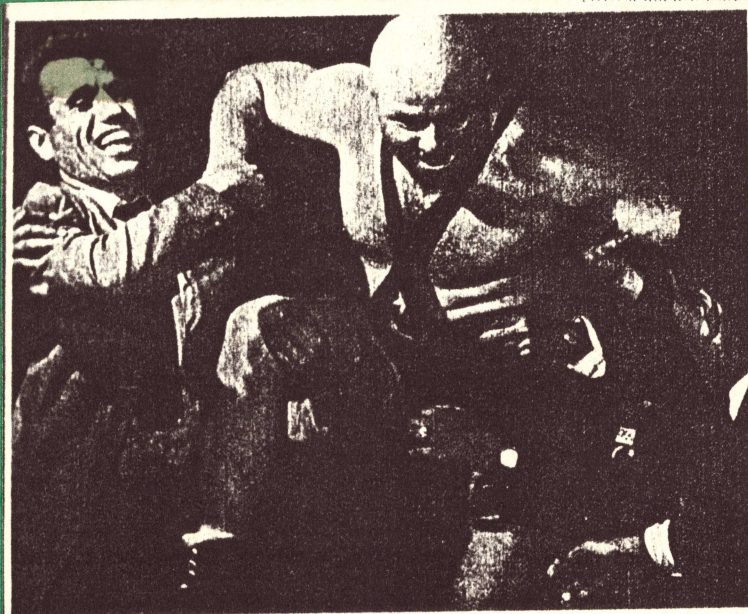
— Hitler tentou usar os Jogos Olímpicos de 1936 para provar muitas coisas — observou o inglês James H. Thornton. — Nós faremos o mesmo. Com uma diferença: ele não atingiu o seu objetivo, mas nós atingiremos o nosso.

Quais eram os objetivos dos ingleses? O que queriam provar, afinal? Com um orgulho tipicamente britânico — orgulho de um povo há muitos séculos soberano — eles tentavam provar que a guerra não mudara nada. Ou, pelo menos, que a Grã-Bretanha era bastante forte para provar exatamente isso: sua força. Uma Olimpíada, organizada três anos depois do fim de uma guerra que afetara todo o mundo — e muito especialmente os ingleses —, seria uma prova dessa força.

Londres preparou-se com sacrifício para atingir o seu objetivo. Não chegou a construir novos estádios, não pôde sequer pensar numa Vila Olímpica nos moldes das de Berlim, Los Angeles ou Amsterdam. E fez tudo dentro de uma correta improvisação, mas, de qualquer forma, com improvisação. Adaptou alojamentos, campos de treinamento, pistas de saltos. Tanto quanto possível, foi uma eficiente sede olímpica.

Como se esperava, os XIV Jogos Olímpicos não tiveram o êxito técnico que todos desejavam. Dois fatores contribuíram para isso: primeiro, o esporte passara por um recuo demasiadamente longo, forçado pela guerra, durante a qual ninguém poderia se preocupar com o preparo de futuros campeões; depois, a chuva caiu impiedosamente sobre Londres, durante as duas semanas de

Os maiores nomes das Olimpíadas de 1948: Bob Mathias (EUA), campeão do decatlo, contra a própria vontade, e Fanny Blankers-Koen (Holanda), trinta anos, casada, mãe de dois filhos, ganhadora de quatro medalhas de ouro.



Festa para Ahmet Kirecci (Turquia), medalha de ouro em luta greco-romana, categoria dos pesos pesados.

competição, quase inundando pistas e campos. Mas também nesse ponto os especialistas abriram uma exceção e não fizeram comparações.

Guerra à parte, muita gente ficou triste com o fato de os Jogos Olímpicos de 1940 não terem sido realizados. Ninguém, porém, lamentou mais o fato do que a holandesa Fanny Koen. Em 1937, treinada por seu próprio noivo, Jan Blankers, ela era a maior corredora de seu país e estava certa de que poderia ganhar uma medalha de ouro, em Tóquio. Agora, passado tanto tempo, já casada, com dois filhos, trinta anos de idade, assinando-se Fanny Blankers-Koen, ela chegava a Londres, segundo alguns, por pura teimosia. Suas chances de vitória, em onze anos, haviam diminuído consideravelmente.

Fanny estava entre os mais velhos atletas inscritos nos Jogos Olímpicos de 1948. O mais jovem, Robert Bruce Mathias, de dezesseis anos, também era teimoso. Só gostava de correr e jogar futebol, enquanto seu treinador, Virgil Jackson, insistia em aproveitá-lo em outras virtudes. Muito contrariado, ele chegou a Londres para competir no decatlo, o que o forçaria a disputar provas nas quais não se sentia à vontade: o dardo, os saltos em distância e com vara e mesmo uma corrida longa.

Fanny Blankers-Koen e Bob Mathias, separados na idade, mas unidos por uma rara vocação para o esporte, foram, muito acima de todos os outros, os grandes nomes da primeira Olimpíada do pós-guerra. Ela, carinhosamente chamada pelas amigas de *mamie*



Vitória na lama: Henri Eriksson (Suécia) recebe cumprimentos, depois de sua vitória na corrida de 1 500 metros.



John Davis (EUA) levanta 452,5 quilos: campeão de halterofilismo, categoria dos pesos pesados.

maravilhosa, tornou-se a primeira mulher da história a ganhar quatro medalhas de ouro olímpicas, triunfando nas corridas de 200 e 800 metros rasos, 80 metros com barreira e revezamento de 4x100, no qual suas companheiras foram Xenia Jongh, Nettie Timmers e Gerda Koudijs. Nesta última prova, quando Fanny recebeu o bastão de Gerda, para correr os 100 metros finais, sua equipe estava em quarto lugar. Ela recuperou todo o terreno, ultrapassou suas três adversárias e rompeu a fita um décimo de segundo na frente da australiana Joyce King.

Bob: uma vitória despercebida

Bob Mathias, como todos os outros decatletas, teve de enfrentar doze horas de chuva para cumprir as dez provas do programa. Sua experiência era quase nenhuma: ele nem mesmo sabia como se contavam os pontos. Após as cinco provas do primeiro dia, nas quais não conseguira um primeiro lugar sequer, encontrava-se em terceiro na contagem geral, mas não sabia ao certo como era o critério de pontuação. Deixava isso por conta de Virgil Jackson. No segundo dia teve mais sorte e foi melhorando sua posição. Ao terminar a prova dos 1 500 metros em primeiro — ele que nunca se dedicara a corridas de longas distâncias — ficou surpreso consigo mesmo. Sentou-se num banco, riu, chorou, gaguejou e finalmente disse a Jackson:

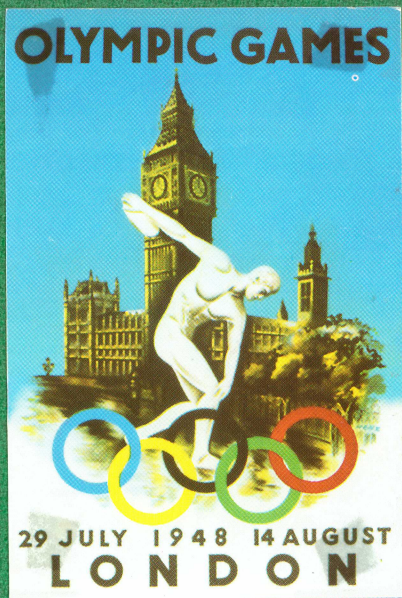
— Eu não repetiria isso nem por 1 milhão de dólares. Mas Bob Mathias não tinha,

ainda, consciência de suas possibilidades como decatleta. Ali, em Londres, ele totalizara 6 386 pontos, aproximando-se do recorde mundial que ele mesmo batera várias vezes, no futuro. E haveria de tornar-se bicampeão olímpico, em 1952, quando chegasse a Helsinque quatro anos mais experiente.

Os quatro anos entre Londres e Helsinque não seriam favoráveis apenas ao jovem Mathias. Todo o mundo olímpico ganharia com eles. A guerra estaria cada vez mais distante. Ainda sob chuva, houve nova revoada de pombos brancos, em Wembley, na tarde da festa de encerramento. Os ingleses haviam atingido o seu objetivo. E provado, em tempo de paz, que a guerra podia ter mudado todas as coisas, menos uma de suas mais felizes invenções: o esporte.



Prova de salto com vara: o campeão Guinn Smith (EUA) ultrapassa o sarrafo na marca de 4,30 metros.



LONDRES, 1948 O quadro de medalhas

Pais	Ouro	Prata	Bronze
Estados Unidos	38	27	19
Suécia	16	11	17
França	10	6	13
Hungria	10	5	12
Itália	8	12	9
Finlândia	8	7	5
Turquia	6	4	2
Tchecoslováquia	6	2	3
Suíça	5	10	5
Dinamarca	5	7	8
Holanda	5	2	9
Inglaterra	3	14	6
Argentina	3	3	1
Austrália	2	6	5
Bélgica	2	2	3
Egito	2	2	1
México	2	1	2
África do Sul	2	1	1
Noruega	1	3	3
Jamaica	1	2	-
Áustria	1	-	3
Índia	1	-	-
Peru	1	-	-
Brasil	-	-	1

Recomeço sem alemães e japoneses

Londres ainda não havia curado todas suas feridas e as cicatrizes da II Guerra ainda eram visíveis em suas ruas naquele 1948, quando os esportistas do mundo voltaram a se reunir para mais uma Olimpíada, a XIV da era moderna. As duas anteriores, de 40 e 44, haviam sido canceladas em virtude do confronto que destruiu gerações e cobriu de horror e morte toda a Europa. Estas duas edições, sem heróis, sem medalhas, existem apenas na contagem histórica, pois prevalece até hoje o sistema implantado pelos gregos por volta de 300 a.C. de que

Olimpíada é o período de quatro anos que decorrem entre dois Jogos. Pois assim como já acontecera em 1920, na Antuérpia, também em 1948, em Londres, os inimigos da guerra não foram convidados para a festa. Saíram Alemanha e Japão, mas ingressavam nos Jogos Olímpicos, finalmente, os países comunistas. Apenas a União Soviética manteve-se longe do COI. Não foi uma Olimpíada expressiva, no que se refere a desempenhos e recordes, mas ainda assim surgiram excepcionais atletas e, mais do que isso, através do esporte, o

mundo dava mais um exemplo de paz, união e fraternidade. O Brasil esteve lá, desta vez mais organizado, mais maduro, conseguindo uma surpreendente medalha de bronze no basquete masculino. Na primeira fase, a equipe venceu Hungria, Uruguai, Inglaterra, Canadá e Itália. Nas quartas-de-final, a vitória foi sobre os campeões europeus, os tchecos, com o curioso placar de 28 a 23. Nas semifinais, a única derrota, para a França (43 a 33). O bronze foi conseguido sobre o México, na disputa pelo terceiro lugar.

Emil Zatopek, a locomotiva humana

Foi em Londres que o mundo viu surgir um dos maiores fundistas de toda a história, um tcheco nascido no ano de 1922, e que naquele 1948, aos 26, iniciava uma série de proezas que o fariam ganhar o elogioso apelido de "Locomotiva Humana". Zatopek foi o primeiro homem a fazer os 10 mil metros em menos de 30min (29min59s6), de-

sempenho que lhe rendeu o ouro; e por dois décimos de segundo não subiu ao primeiro lugar do pódio também nos 5 mil metros. A prova foi vencida pelo belga Ettiene Gaily.

Era apenas o começo da gloriosa história do homem locomotiva. Nos anos seguintes, bateria recor-

des mundiais sucessivamente; em Helsinque, na Olimpíada de 1952, ganharia três medalhas de ouro (nos 5 mil, 10 mil e na maratona). Até no Brasil ele esteve, dando mostras de sua incrível capacidade de correr: ao natural, venceu a Corrida de São Silvestre de 1953. Emil Zatopek morreu em 1973, aos 51 anos.



1948: a equipe de basquete, medalha de bronze.



Equipe da Basquetebol: Londres

